

Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas

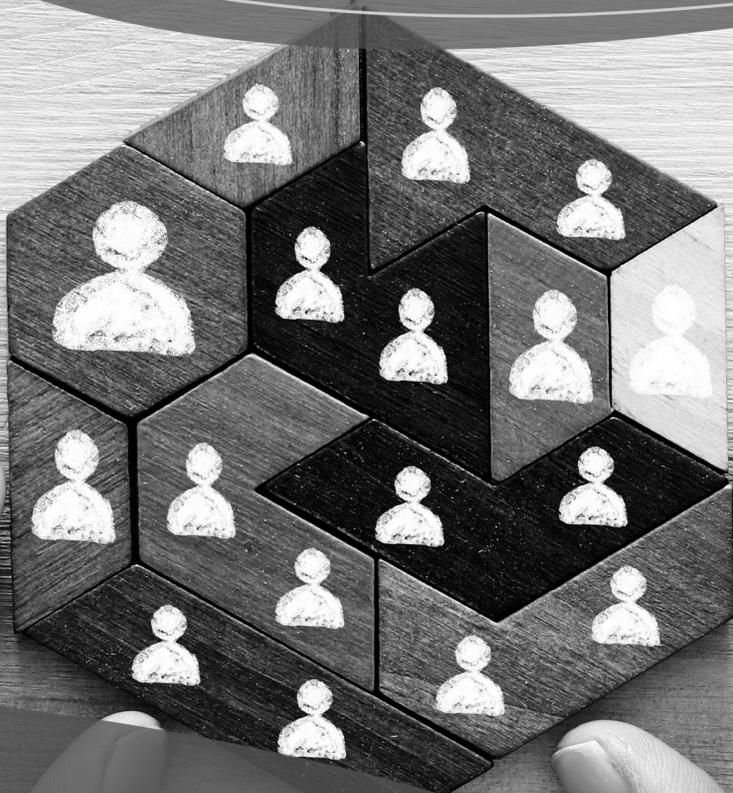


*Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)*

Atena
Editora

Ano 2020

Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas



*Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)*

Atena
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Ciências sociais aplicadas: necessidades individuais & coletivas

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Luiza Alves Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Luciana Pavowski Franco Silvestre

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciências sociais aplicadas [recurso eletrônico] :
necessidades individuais & coletivas / Organizadora
Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa,
PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.
Modo de acesso: World Wide Web.
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-364-4
DOI 10.22533/at.ed.644200909

1. Ciências sociais aplicadas – Pesquisa – Brasil. I.
Silvestre, Luciana Pavowski Franco.

CDD 340

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Atena Editora apresenta o e-book “Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas”, são ao todo trinta e dois artigos organizados e apresentados em dois volumes.

As pesquisas abordam temas relevantes que visam identificar, analisar e refletir sobre as relações estabelecidas entre os fenômenos sociais, econômicos e políticos no atual contexto.

No primeiro volume apresenta-se quatorze artigos com pesquisas relacionadas a três eixos temáticos: Desenvolvimento tecnológico, inovação e sustentabilidade; Consumo, comunicação e informação e Educação e processos de formação voltados para a cidadania e práticas emancipatórias.

O segundo volume é composto por dezoito artigos que tratam sobre políticas públicas e gestão pública e os impactos no atendimento das demandas relacionadas a área de saúde, profissionalização, socioeducação, sistema judiciário e processos de institucionalização. Os artigos analisam também os aspectos políticos e coligações partidárias.

Os artigos possibilitam o reconhecimento e análise de maneira mais aprofundada dos temas abordados, bem como, podem contribuir para a realização de novos questionamentos e pesquisas, com aproximações sucessivas das relações sociais e desvelamento das necessidades individuais e coletivas existentes no atual contexto

Boa leitura a todos e a todas.

Luciana Pavowski Franco Silvestre.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

COLIGAÇÕES E ASSOCIAÇÕES PARTIDÁRIAS NA COMPETIÇÃO ELEITORAL:
TRAJETÓRIA E SELEÇÃO DE CANDIDATURAS (MARABÁ 2015 - 2016)

Samuel Martins de Lima

Marilza Sales Costa

DOI 10.22533/at.ed.6442009091

CAPÍTULO 2..... 16

A CONTRIBUIÇÃO DAS FIBRAS PRESENTES NO BAGAÇO DO CAJU NAS
PROPRIEDADES FÍSICAS DO CONCRETO ARMADO E ALVENARIA ESTRUTURAL

Lucas Emanuel Fernandes Araújo

Francisco Gustavo Pessoa Jovino

Juscelino Chaves Sales

DOI 10.22533/at.ed.6442009092

CAPÍTULO 3..... 24

PRÁTICAS EMERGENTES NA ARTICULAÇÃO ENTRE SUSTENTABILIDADE E DESIGN
DE VESTUÁRIO

Valdecir Babinski Júnior

Mariana Moreira Carvalho

Jussara Dagostim

Ana Paula Voichinevski da Silva Milanese

Neide Köhler Schulte

Lucas da Rosa

DOI 10.22533/at.ed.6442009093

CAPÍTULO 4..... 38

COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR INFANTIL: O CONSUMO PELOS TWEENS E
SUAS RELAÇÕES SOCIAIS

Mariana Tomaz Silva

Rita de Cássia de Faria Pereira

Patrícia Lacerda de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.6442009094

CAPÍTULO 5..... 53

PUBLICIDADE E CULTURA: A ANÁLISE DA LINGUAGEM DISCURSIVA REGIONAL NO
ANÚNCIO AUDIOVISUAL

Alessandro Luchini Zadinello

DOI 10.22533/at.ed.6442009095

CAPÍTULO 6..... 67

QUEM ESCOLHE O QUE VOCÊ LÊ? O IMPACTO DA PLATAFORMIZAÇÃO DA
SOCIEDADE NO CONSUMO DE NOTÍCIAS

Cristina Siqueira Pacheco

Sandra Portella Montardo

DOI 10.22533/at.ed.6442009096

CAPÍTULO 7..... 74

O CONSUMISMO EM PROL DA OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA: UM DILEMA CRESCENTE DO SÉCULO XXI

Helena Francisco de Oliveira Lima

Priscila Silva Esteves

DOI 10.22533/at.ed.6442009097

CAPÍTULO 8..... 82

MERCADOS DE INFORMAÇÃO: PRODUTOS E SERVIÇOS NA ARQUIVOLOGIA

Ismaelly Batista dos Santos Silva

DOI 10.22533/at.ed.6442009098

CAPÍTULO 9..... 92

DIPLOMA E PROFISSÃO, PARADOXOS DA FORMAÇÃO SUPERIOR

Elane Luís Rocha

Mara Rúbia Alves Marques

DOI 10.22533/at.ed.6442009099

CAPÍTULO 10..... 105

“O SINAL ESTÁ FECHADO PRA NÓS, QUE SOMOS JOVENS”? AS RELAÇÕES E INTERAÇÕES CONSTRUÍDAS (OU NÃO) ENTRE A DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA E JUVENTUDES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA/PI

Marcos Rangel de Sousa Costa

Luciano de Melo Sousa

Gabriel Eidelwein Silveira

DOI 10.22533/at.ed.64420090910

CAPÍTULO 11..... 120

CURRÍCULO E PRÁTICAS EMANCIPATÓRIAS: UM ESTUDO DE CASO

Juliana de Souza Ramos

DOI 10.22533/at.ed.64420090911

CAPÍTULO 12..... 131

A SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA E O ESTUDO DO CONCEITO DE CIDADANIA A PARTIR DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Michel Gustavo de Almeida Silva

Vitor Machado

DOI 10.22533/at.ed.64420090912

CAPÍTULO 13..... 143

POR UMA ESCOLA PÚBLICA INCLUSIVA: A INTEGRAÇÃO SOCIAL DE IMIGRANTES BOLIVIANOS NA EMEF ESCRITORA CAROLINA MARIA DE JESUS

Israel Filipe Santos Nascimento

Marina Nascimento Simão

DOI 10.22533/at.ed.64420090913

CAPÍTULO 14.....	157
FERROVIA, IMPRENSA, ESPORTES E SOCIEDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX EM PONTA GROSSA – PARANÁ	
Cláudio Jorge Guimarães	
Alfredo César Antunes	
Constantino Ribeiro de Oliveira Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.64420090914	
SOBRE A ORGANIZADORA	171
ÍNDICE REMISSIVO	172

CAPÍTULO 13

POR UMA ESCOLA PÚBLICA INCLUSIVA: A INTEGRAÇÃO SOCIAL DE IMIGRANTES BOLIVIANOS NA EMEF ESCRITORA CAROLINA MARIA DE JESUS

Data de aceite: 01/09/2020

Data de submissão: 02/06/2020

Israel Filipe Santos Nascimento

Fundação Escola de Sociologia e Política de
São Paulo
São Paulo – São Paulo

Marina Nascimento Simão

Fundação Escola de Sociologia e Política de
São Paulo
São Paulo – São Paulo
Orientadora: Stella Christina Schrijnemaekers

RESUMO: A quantidade de alunos imigrantes nas escolas municipais da cidade de São Paulo aumenta gradativamente por ser essa cidade um dos principais destinos migratórios do País. A escola com mais estudantes nessa situação, na capital paulista, é a EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus, na qual o país de origem mais comum entre os imigrantes é a Bolívia. Essa instituição é conhecida por realizar projetos educativos que promovem a inclusão de todos os alunos em um ambiente de respeito às diferenças culturais. Com a pesquisa, pretende-se discutir como esses projetos influenciam a integração social dos alunos bolivianos e descendentes de bolivianos na escola. Para isso, foram realizadas visitas a campo que permitiram vivenciar o dia-a-dia da EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus, conhecer os projetos e conversar com alunos, professores e o diretor, além de identificar o idioma como fator principal na integração social

em ambiente escolar, por parte dos imigrantes estudados.

PALAVRAS-CHAVE: Bolivianos, Imigrantes, Integração social, Preconceito, Racismo.

FOR AN INCLUSIVE PUBLIC SCHOOL: THE SOCIAL INTEGRATION OF BOLIVIAN IMMIGRANTS ON EMEF ESCRITORA CAROLINA MARIA DE JESUS

ABSTRACT: The number of immigrant students on the municipal schools in the city of São Paulo increases gradually as this city is one of the main migratory destinations of Brazil, and the school with more students in this situation, in the state capital, is EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus, and the most common country of origin among immigrants, is Bolivia. This institution is known for carrying out educational projects that promote the inclusion of all students in an environment that respects cultural differences. The research intends to discuss how these projects influence the social integration of Bolivian students and Bolivian descendants in that school. For that, field visits were made that allowed to experience the daily life of EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus, to know the projects and to talk with students, teachers and the director, besides identifying language as the main factor in social integration in school environment, by the immigrants studied.

KEYWORDS: Bolivians, Immigrants, Social integration, Preconception, Racism.

1 | INTRODUÇÃO

A Bolívia é definida em sua Constituição como uma República unitária, independente, livre, soberana, multi-étnica e pluricultural. Diversas etnias e culturas são destaque desse país que está situado geograficamente na região centro-oeste da América do Sul.

Nas últimas décadas o país tem enfrentado diversos problemas, nos mais diferentes âmbitos. A situação socio-econômica da Bolívia apresenta aspectos muito delicados, o que em parte está associado a problemas do passado do país, especialmente a dificuldades econômicas, à corrupção e a uma falsa democracia.

Segundo o Ranking Mundial de Desenvolvimento Humano (2018), feito anualmente pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, PNDU, a Bolívia encontra-se na 114ª posição de um total de 189 países, com um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,703. Quando analisado o IDH dos países da América do Sul, a Bolívia encontra-se na última posição.

Por decorrência de uma fraca economia, problemas sociais relacionados a saneamento básico, moradia, segurança e educação acabam por seguir o mesmo sentido, isto é, indicadores baixos que causam uma baixa qualidade de vida. Os conflitos étnicos também se mostram presentes no país, com destaque para os dois grupos regionais mais predominantes, os collas e os cambas, que lutam pela divisão do país entre oriente e ocidente.

Esses fatores influenciam a escolha da imigração da população boliviana ao Brasil, o que tem se elevado paulatinamente. Através de esquemas, em sua maior parte de maneira ilegal, os bolivianos optam pela entrada ao país.

No total, 292.288 estrangeiros mudaram-se para São Paulo entre 2001 e 2017¹. Os bolivianos, facilmente notados sobretudo nos bairros centrais da cidade, como o Bom Retiro, lideram o ranking. A maior parte dos 10 mil alunos estrangeiros matriculados em escolas públicas da capital paulista é composta por bolivianos, seguidos por angolanos, haitianos e japoneses. Apesar do aumento de 98% no número de alunos estrangeiros nos últimos anos, as redes municipal e estadual de ensino de São Paulo não possuem diretrizes de como receber e integrar essas crianças.

A maior parte das escolas públicas sofre com problemas de baixa infraestrutura e de profissionais que são submetidos a condições de trabalho não ideais, como contratos temporários, salários muito baixos, alta rotatividade, entre outros problemas. Essas péssimas condições expressam-se no cotidiano escolar e no desenvolvimento cognitivo dos estudantes, configurando uma primeira fronteira na educação pública brasileira. Este quadro agrava-se quando o atendimento educacional atinge alunos estrangeiros – que passam por um processo de adaptação em uma sociedade diversa de sua origem e com uma língua estranha à sua e à de seus familiares – sem oferecer uma infraestrutura de

1. Dados obtidos pelo “Estadão dados” em parceria com a Polícia Federal, em 2017.

suporte, ou seja, o ensino de Português para estrangeiros.

Segundo Aranha², “escola inclusiva é aquela que garante a qualidade de ensino educacional, [...] reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades” (2004, p.7). É fundamental que a escola identifique as necessidades de mudanças e capacidades para que as diferenças não impactem negativamente as relações entre os alunos e professores, contribuindo assim para o processo de inclusão dos alunos estrangeiros.

Para o imigrante, aprender o idioma é um dos passos necessários para sua inclusão no ambiente escolar. Contudo, a solidariedade e o espírito colaborativo da sociedade que o recebe é o que vai garantir que este se sinta atuante no grupo, podendo assim, além de se comunicar, interagir de forma efetiva, indagando, questionando, criticando e sugerindo, exercendo, assim, o seu papel como qualquer aluno nativo.

Escolhemos analisar a Escola Municipal de Ensino Fundamental Escritora Carolina Maria de Jesus³, que está localizada no Canindé, bairro do centro de São Paulo com a maior concentração de imigrantes bolivianos. Ao menos 20% dos alunos são estrangeiros, sendo praticamente metade dessa porcentagem de imigrantes bolivianos.

Estudando no centro, onde vemos imigrantes e refugiados levando seus filhos para as escolas próximas logo de manhã, escolhemos esse tema tanto por curiosidade quanto por preocupação, pois temos consciência de que não deve ser fácil estar em um país como estrangeiro com baixa qualidade de vida, e por mais que o Brasil seja conhecido como um país acolhedor e receptivo, ainda são comuns casos de racismo e xenofobia. Tendo em mente a importância da escola e a socialização na infância, procuramos analisar e entender como isso acontece para os bolivianos, que são a maioria dos imigrantes atualmente em nossa cidade.

2 | PROBLEMATIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA

Para se estudar a integração social das crianças imigrantes bolivianas em São Paulo, é preciso considerar que seu país de origem apresenta fortes problemas socio-econômicos e, portanto, além da dificuldade de integração devido às diferenças culturais, existe o preconceito envolvendo as condições econômicas dos bolivianos. A pesquisa teve como objetivo descobrir e entender quais os principais obstáculos enfrentados pelas crianças imigrantes bolivianas no seu processo de integração social na EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus e se existem casos de racismo ou xenofobia na escola.

O principal problema explorado pela pesquisa envolve a busca por uma resposta

2. Maria Salete Fábio Aranha, professora e doutora da UNESP- Bauru na área de Psicologia.

3. O nome da instituição encontra-se em transição. Atualmente, a escola chama-se EMEF Infante Dom Henrique, mas, após reunião e votação com todos os funcionários, alunos e pais de alunos, foi definida a alteração do nome para EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus em homenagem a uma escritora da região do Canindé. A decisão foi tomada porque o nome atual, Infante Dom Henrique, remete a uma figura histórica que promovia a escravidão, o que vai de encontro aos princípios da escola.

à questão: existe xenofobia em sala de aula contra as crianças imigrantes bolivianas na Carolina de Jesus, mesmo com todos os projetos? Segundo Vidal (2011):

É comum que crianças bolivianas recém-chegadas em São Paulo enfrentem comportamentos preconceituosos nas escolas pelo fato de não saber falar português sem sotaque, sendo elas às vezes desprezadas enquanto <<índios>>. Sem embargo, muitos bolivianos entrevistados dizem que "isso é coisa de criança" e não veem nesses comportamentos infantis o reflexo de uma atitude sistematizada dos brasileiros para com os bolivianos.

Em vista dessa afirmação, torna-se fundamental procurar identificar se a diferença do idioma afeta o aprendizado dos alunos bolivianos.

Para além da relação das crianças imigrantes com seus colegas, é preciso entender como (e se) os professores são orientados a lidar e como de fato lidam com esses alunos, pois o aprendizado dos estudantes pode ser influenciado pelo comportamento dos educadores. Pretendia-se saber se há, por parte das crianças bolivianas, um sentimento de exclusão, especialmente em sala de aula.

Não deixando obstante a disseminação de movimentos pró-imigrantes, mas levando-se em conta que a xenofobia ainda encontra forte expressão, em um momento de crise migratória mundial, a hipótese era de que existem, sim, exclusão e dificuldades para estudantes imigrantes bolivianos, apesar de amenizadas pela política inclusiva da escola. Os grandes fluxos migratórios que marcam as primeiras décadas do século XXI são o que dá relevância ao tema proposto. O acontecimento de guerras, como a da Síria, além de desastres naturais, como o terremoto que atingiu o Haiti em 2010, e níveis baixíssimos de qualidade de vida, como é comum no próprio Haiti, na Venezuela e na Bolívia, segundo dados da Organização das Nações Unidas, leva o número de migrantes internacionais a crescer de forma mais acelerada do que a população mundial. Entre 2000 e 2017, a porcentagem de migrantes na população mundial saltou de 2,8% para 3,4%⁴.

O Brasil, por não apresentar políticas agressivas aos imigrantes, é o destino de muitos que precisam deixar seu país. No caso dos bolivianos, o primeiro destino foi a Argentina, ainda no século XX. No entanto, aqueles que vivem em São Paulo dizem que os argentinos são agentes de forte preconceito (VIDAL, 2011), o que pode ser reflexo das políticas de branqueamento promovidas na Argentina na segunda metade do século XIX, que incluíram o posicionamento de soldados negros nas linhas de frente em batalhas, como na Guerra do Paraguai, nas guerras civis e na guerra de Independência. A população negra e indígena tornou-se muito pequena no país, e alvo do racismo a que se referem os bolivianos.

Segundo a Polícia Federal, a quantidade de imigrantes em território brasileiro aumentou em 160% entre 2006 e 2016⁵. Para os bolivianos, a despeito da diferença do

4. Refúgio em números – 3ª edição. Disponível em <http://www.acnur.org/portugues/2018/04/11/de-101-mil-refugiados- apenas-51-mil-continuam-no-brasil/>; os dados obtidos sobre migrações são oficiais, mas existem muitos casos subnotificados de migrantes clandestinos.

5. Anuário da Polícia Federal. Disponível em <http://obmigra.mte.gov.br/index.php/anuarios>.

idioma, o Brasil é um país atraente devido às facilidades em questões burocráticas, além da proximidade geográfica e do fato de que, na América Latina, o Brasil é o país mais desenvolvido economicamente.

A pesquisadora Rosana Baeninger, da Universidade Estadual de Campinas, realizou uma pesquisa a respeito da imigração boliviana no Brasil e organizou, em 2012, uma publicação na qual reúne os estudos de diversos pesquisadores com temas semelhantes. Entre eles encontra-se Sidney A. da Silva, que apresentou, no ciclo de palestras *São Paulo: seus povos e suas músicas*, organizado pela Biblioteca Mário de Andrade em 2011, o texto intitulado *Bolivianos em São Paulo – Dinâmica cultural e processos identitários*.

No texto, Silva descreve o fluxo de bolivianos em direção ao Brasil com destino a São Paulo. Segundo o pesquisador, a maior parte desses imigrantes, quando se instalam na capital paulista, passam a trabalhar no ramo da costura. A despeito das precárias condições de trabalho, os bolivianos entrevistados afirmam que a situação na Bolívia era ainda pior, o que pode ser complementado pela pesquisa de Dominique Vidal, *Convivência, alteridade e identificações. Brasileiros e bolivianos nos bairros centrais de São Paulo* (2011).

Para Vidal, é importante destacar a oposição dos bolivianos entre collas e cambas. Os cambas são os que não apresentam traços indígenas e aparentemente são de ascendência europeia. Já os collas, são os povos do altiplano boliviano, dos quais fazem parte a maioria dos que emigram para o Brasil e trabalham na costura. Os brasileiros não costumam notar diferenças entre collas e cambas. Nas escolas, segundo Vidal, as crianças bolivianas, normalmente collas e, portanto, de origem indígena, são alvo de brincadeiras preconceituosas em decorrência de sua aparência, sendo chamados de índios em tom pejorativo. Apesar disso, ela afirma que os migrantes collas enfrentam, no Brasil, menos desprezo do que no próprio país:

Os migrantes provenientes da região altiplânica – e, particularmente da cidade de El Alto, próxima de La Paz – afirmam não encontrar em São Paulo o desprezo que, na Bolívia, os “blancos” ou “os que são descendentes de espanhóis” têm pelos “mestiços” e os “indígenas”. Também não enfrentam no Brasil nada igual à hostilidade dos cambas, nome dos moradores da região de Santa Cruz de la Sierra que não têm traços índios e reivindicam uma ascendência europeia -, em relação aos collas, categoria que remete aos povos do altiplano boliviano. (VIDAL, 2011)

A discriminação sofrida por crianças bolivianas nas escolas pode ser analisada à luz do que diz Erving Goffman em *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (1963). Para ele, um indivíduo que se encontra dentro de um grupo social diferente daquele de origem, no qual foi criado e através do qual formou seu ponto de vista, não apresenta defeitos ou uma degenerescência em relação aos demais indivíduos. No entanto, a atenção ao seu traço de distinção pode sobrepor-se aos seus outros atributos, o que caracteriza um estigma.

Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida. [...] Utilizamos termos específicos de estigma como aleijado, bastardo, retardado, em nosso discurso diário com fonte de metáfora e representação, de maneira característica, sem pensar no seu significado original. (GOFFMAN, 1963)

Uma criança estrangeira que sofra com preconceitos pode crescer imerso em uma crise de identidade. Segundo Dubar (1997), é na infância que se constrói a identidade de um indivíduo. A infância, portanto, é a fase da vida responsável por criar a base social e identitária sobre a qual se forma uma pessoa, e que é reconstruída incessantemente ao longo da vida. Disso surge a importância da socialização das crianças nos ambientes onde vivem, seja em casa ou na escola.

Para Piaget (1995), as ações que atingem uma pessoa ainda na infância evocam nela o aprendizado. Desta forma, as situações pelas quais ela passa influenciam todo o seu desenvolvimento. Se uma criança é exposta a situações em que sofre com o preconceito, pode apresentar problemas em suas relações no futuro, considerando-se o que diz Leon Crochik (1995), segundo o qual o preconceito pode ser definido como uma atitude de hostilidade nas relações interpessoais. Quando a hostilidade funda-se na origem da vítima, trata-se de xenofobia.

É importante ressaltar que, ao abordar a integração das crianças bolivianas na escola, constantemente remeter-se-á à prática de bullying, que, conforme Neto (2005), “diz respeito a uma forma de afirmação de poder interpessoal através da agressão”. Como o centro da questão são as crianças bolivianas, pode-se confundir o bullying com o racismo. O primeiro possui caráter pontual, ou seja, pode acontecer em momentos específicos e, tão logo seja combatido, pode acabar. Já o racismo, tem raízes na sociedade e pode originar o bullying. “O racismo é uma prática que reproduz na consciência social coletiva um amplo conjunto de falsos valores e de falsas verdades e torna os resultados da própria ação como comprovação dessas verdades falseadas” (CUNHA JR., 1992).

De acordo com o professor Cesar Luís Sampaio, docente da EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus, em entrevista concedida ao portal UOL em 2017, os episódios de bullying envolvendo racismo são fruto do “cotidiano das crianças fora da escola”. Existe, portanto, um racismo estrutural, o que a escola tenta corrigir por meio de atividades que promovam a inclusão e o respeito a diferentes culturas. Em 2014, como forma de estimular a integração entre os estudantes, alguns alunos estrangeiros e brasileiros foram levados a uma viagem até a Bolívia, numa oportunidade de conhecer de perto as culturas bolivianas.

O professor relata que os efeitos das atividades organizadas pela escola são visíveis. Como exemplo, destaca um episódio em que um dos alunos chamou um colega de classe de “macaco”. Imediatamente, os outros alunos revoltaram-se e cobraram do professor uma medida punitiva. O ofensor pediu desculpas ao colega e a toda a classe, e “se mostrou muito arrependido e envergonhado”.

3 | METODOLOGIA DE PESQUISA

Na nossa pesquisa trabalhamos principalmente com crianças bolivianas e descendentes de bolivianos, de sete a 12 anos. Entramos em contato com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Escritora Carolina Maria de Jesus, no Canindé, região central de São Paulo. A escola é conhecida por acolher grande quantidade de alunos imigrantes, entre eles bolivianos, e promover projetos de inclusão que visam à igualdade entre todos os seus estudantes.

Escolhemos usar a entrevista não estruturada na maior parte dos casos, pois em nossa observação, ao conversar com o diretor e alguns alunos, percebemos certas dificuldades. Com o diretor, houve um imprevisto que encurtou o tempo disponível para a conversa, e com alguns dos alunos a dificuldade era em relação à sua atenção para a conversa. Ao ler pesquisas diferentes que também trabalharam com crianças⁶ percebemos que os desenhos podem cativar mais sua atenção e estimulá-las a falar do assunto. Isso foi um ponto positivo na maioria das conversas com as crianças, pois foram realizadas no contexto dos projetos da escola, em que é comum a produção de desenhos.

As entrevistas foram realizadas em locais diferentes. Com a Dra. Patrícia Tavares de Freitas foi realizada na biblioteca da FESPSP, sendo utilizado o método da entrevista semi-estruturada. Já a entrevista com o diretor foi realizada na própria Carolina de Jesus, e, com as duas alunas, no SESC Consolação, por ser um lugar mais amigável e tranquilo.

Como o objeto de estudo são as crianças bolivianas e descendentes de bolivianos, foi priorizado o contato informal com os alunos nas visitas à escola, pois as conversas com o formato de entrevistas poderiam criar um distanciamento entre as crianças e os pesquisadores. No caso da entrevista com duas alunas, por exemplo, elas demonstraram certa timidez, diferente dos demais, com os quais houve uma maior aproximação.

4 | CONTEXTUALIZAÇÃO: EMEF ESCRITORA CAROLINA MARIA DE JESUS

4.1 As primeiras visitas

A primeira visita foi realizada numa quinta-feira, 13 de setembro de 2018, das 10h10 às 10h50. Localizado no bairro do Canindé, podendo-se considerar na zona central de São Paulo, o ambiente em torno da escola apresenta grande quantidade de pessoas em situação de abrigo na rua. O motorista de aplicativo apresentou resistência em ir até o local por considerar a área insegura, mas decidiu completar o trajeto. No muro da escola, encontra-se a frase *no human being is illegal* (nenhum ser humano é ilegal), e logo na recepção uma pintura que representa etnias diversas com a frase *por uma escola pública inclusiva*.

6. CEZAR, Marcos.; SILVA, Ana Paula. Crianças bolivianas na educação infantil de São Paulo: Adaptação, vulnerabilidade tensões. São Paulo, SP, 2015. LIBERATO, Débora.; LOKOI, Zilda Marcia Gricoli. Crianças bolivianas nas fronteiras da educação brasileira. Porto Alegre, RS, 2014.

Ao chegar, conversamos com a recepcionista, explicamos o motivo da visita, e ela dirigiu-se à sala do diretor. Saindo de lá, pediu que o aguardássemos. Cerca de dez minutos mais tarde, fomos chamados ainda na recepção pelo diretor Carlos Eduardo Jr, que se apresentou simplesmente como Cadu. Explicamos-lhe o tema e objetivo da pesquisa, pedindo autorização para conhecer o interior da escola e os projetos. O diretor explicou que não tinha tempo disponível para apresentar a escola por estar em organização de uma semana de provas, mas indicou reportagens sobre os projetos e os prêmios recebidos, para que fossem pesquisados. Ressaltou, ainda, o processo em andamento pela mudança de nome da instituição, de EMEF Infante Dom Henrique para EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus. Ao fim da conversa, ficou marcada uma nova visita para a semana seguinte, quando Cadu teria mais tempo disponível. Havíamos imaginado o diretor como um senhor, já que até então havíamos conversado apenas por e-mail. Ele, no entanto, aparenta aproximadamente 30 anos.

Conforme combinado, voltamos à escola na quarta-feira, 19 de setembro. Chegamos por volta das 9h e notificamos a recepcionista sobre o compromisso.

A entrevista com o diretor estava marcada para as 9:30, mas chegamos um pouco mais cedo, então a recepcionista pediu-nos para esperarmos na sala dos professores ao fim do corredor. No caminho passamos pelas salas de aula em cujas portas os nomes das matérias estavam escritos em Inglês, Português, Espanhol e Árabe. Além disso, também vimos diversos desenhos colados pelas paredes do corredor, desenhos dos alunos retratando temas como a igualdade social e de gênero, o preconceito e o racismo.

Na sala dos professores, há uma grande mesa para os docentes, uma menor com café disponível e um armário com uma prateleira para cada professor, no qual se guardam seus materiais. Às 9h15 começou a ser tocada uma música com alto volume no corredor. Uma professora nos avisou que era o toque do intervalo e que a cada duas semanas os próprios alunos escolhem a música a ser tocada.

Esperando pelo diretor, uma professora chegou à mesa para desamassar um cartaz feito por uma aluna do sétimo ano com o tema “mulheres fortes”. A aluna havia escolhido falar sobre igualdade no trabalho e a professora estava bastante animada e satisfeita com o resultado.

Durante o intervalo, o diretor compareceu à sala dos professores e informou que faria uma longa reunião com o corpo docente. Ele pediu desculpas e nos explicou que a reunião era muito importante, pois trataria de uma mudança cobrada à escola, que deveria enviar documentos à Secretaria de Educação para a ampliação da carga horária. A entrevista, portanto, marcada inicialmente para as 9h30 seria realizada mais tarde.

As 11h fomos para uma sala com o diretor e mais uma garota que fazia estágio na escola. A entrevista foi muito diferente do esperado, pois não houve tempo para que realizássemos muitas perguntas. O próprio diretor iniciou a conversa, explicando como era a escola antes de se iniciarem os projetos e como ela foi transformada, se tornando

referência na educação inclusiva. Falou sobre a realidade das famílias dos alunos bolivianos e de como os projetos são importantes para a relação harmoniosa entre os brasileiros e os imigrantes, em especial os bolivianos. Perguntamos sobre um dos projetos, o *Escola Apropriada*, e ele explicou que é uma reunião realizada quinzenalmente com alunos imigrantes e alguns brasileiros, com o intuito de se fazerem trocas de conhecimentos culturais. A conversa durou cerca de 30 minutos, até as 11h30, e o diretor nos convidou a voltar na semana seguinte para presenciar uma reunião do Escola Apropriada.

Conseguimos informações importantes nessa conversa, mas algumas das perguntas não puderam ser feitas devido à falta de tempo provocada pelo imprevisto da reunião.

Tanto o diretor quanto a recepcionista e os professores foram muito receptivos, mostrando-se dispostos a contribuir com a pesquisa. Toda a estrutura da escola, com frases nas paredes referindo-se à igualdade entre as etnias e com grande interferência dos alunos com seus desenhos, além da fuga do padrão com músicas para indicar o intervalo, tornam o ambiente muito agradável e parecem fazer com que os estudantes se sintam bem na escola e incentivados a respeitarem seus colegas.

Nesta visita já percebemos o diferencial da escola; os temas abordados nos trabalhos expostos nos corredores deixam clara a preocupação dos professores em ensinar e explicar a importância de se respeitarem as diferenças, ainda mais em uma escola reconhecida pela grande diversidade entre os alunos.

4.2 O entorno

A escola tem três grandes agrupamentos entre os alunos: o primeiro é remanescente da favela do Canindé, uma comunidade de cerca de trezentas famílias, vivendo em uma situação precária de moradia. É um local de grande disputa por estar próximo ao centro, mas a criminalidade é alta. A escola reconhece que praticamente todos os moradores desta comunidade estudaram na Carolina de Jesus, até então Infante Dom Henrique, ou seja, tanto os pais quanto os filhos, tendo em vista que a escola tem pouco mais de 60 anos.

O outro agrupamento vive em um lugar muito mais novo, de 2004, o edifício Olarias. Com 187 apartamentos, essa é uma moradia social criada no final da gestão de Marta Suplicy à frente da prefeitura de São Paulo. Segundo o diretor, a maioria dos alunos que vêm destes apartamentos vive em uma situação melhor do que a dos moradores da favela do Canindé, já que muitos dos apartamentos chegam a ter até dois dormitórios, ou seja, uma área muito mais organizada para receber famílias.

O terceiro agrupamento vem do que eles chamam de “morrinho”, onde existem pessoas que vivem com uma situação econômica boa em relação às dos outros agrupamentos, mas se encontram morando em cortiços, ou seja, é um agrupamento mesclado, num lugar caracterizado por uma grande ladeira.

No momento da pesquisa, 24% dos alunos da EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus eram imigrantes, cerca de 130 alunos, sendo destes a maioria bolivianos. As famílias

destes alunos organizam-se na chegada à região, geralmente alugando casas que dividem espaço com oficinas de costura. O ritmo de trabalho pode ser considerado surreal, tendo em vista que muitos trabalham das 7h até as 23h. Nesses casos os pais ainda buscam as crianças na escola, mas em seguida já voltam ao trabalho. Recentemente houve denúncias de trabalho escravo, e algumas destas oficinas foram fechadas.

A escola tem por hábito receber muitos alunos imigrantes, primeiro por conta da região, que historicamente é conhecida como um ponto de encontro e acolhimento de diversos imigrantes, principalmente bolivianos e árabes, e segundo devido aos projetos desenvolvidos pela instituição.

Tendo em mente tudo isso, o diretor diz que a escola se sente na obrigação de acolher essas crianças, ensinando-lhes a língua e costumes locais para que fora da escola elas também se sintam seguras.

4.3 A escola

A escola foi fundada há aproximadamente 60 anos, e não são incomuns professores que estão na casa há mais de 10 anos. Isso faz toda a diferença, pois os projetos e trabalhos tornam necessária a sua permanência. Assim sendo, os projetos tornam-se mais bem elaborados. O grupo atual tem o propósito de realizar mudanças estruturais na escola.

A EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus possui educação integral do primeiro ao terceiro ano. Nesse período as crianças ficam sete horas, tendo nesse tempo até três refeições. O oitavo e o nono ano podem ficar até mais do que essas sete horas, pois a escola possui uma parceria com o Instituto Federal, por meio da qual todos os alunos possuem vaga para um curso preparatório pré-vestibular. Até a realização da pesquisa, eram 120 alunos no oitavo e nono ano, e 40 deles participavam das aulas extras.

O ciclo de alfabetização da escola possuía um grupo fechado de seis professoras que estavam juntas há mais de quatro anos. A taxa de alfabetização com sucesso da escola, segundo o diretor, é de 95%. Tendo em mente a diversidade de alunos, esse número torna-se muito considerável, já que em média 20% desses alunos são alfabetizados em uma segunda língua.

Em uma visita que realizamos na reunião do projeto Escola Apropriada, além de percebermos a real diversidade de alunos em uma só sala, também percebemos como eles têm se relacionado bem com a Língua Portuguesa. Conhecemos dois meninos bolivianos que estavam em São Paulo há apenas dois meses e já falavam o Português sem problemas, com apenas algumas dificuldades na escrita, e um aluno marroquino, que havia chegado ao Brasil há apenas oito meses e já falava o Português fluentemente, apesar de ser tão diferente do Árabe, sua língua materna. Quando conversamos com eles percebemos o quanto pareciam alegres, conversando sem problemas com seus colegas brasileiros, e ao lado estava sempre uma professora ajudando-lhes com a escrita e pronúncia.

Na entrevista realizada com as duas alunas também foi possível perceber um grande empenho em além de aprender o Português, também não perder o Espanhol. Segundo as próprias alunas, a escola mantém as aulas de Espanhol e elas, mesmo estando em uma escola brasileira e aprendendo o Português, se sentem livres para falar em Espanhol entre si ou até mesmo ensiná-lo aos seus amigos e colegas brasileiros.

5 | IMIGRAÇÃO BOLIVIANA

Para compreender como ocorre o processo da imigração boliviana ao Brasil, entrevistamos Patrícia Tavares de Freitas, especialista em migrações internacionais, Direitos Humanos e Sociologia, que realizou uma pesquisa de doutorado sobre esse assunto.

A ditadura militar boliviana, iniciada em 1964, levou o país a uma profunda crise social e econômica, que continuou mesmo após o fim do regime autoritário, em 1982. Foi nesse período que as numerosas minas da Bolívia foram privatizadas e, como afirma a entrevistada, ocorreu um programa de realocação laboral, e muitos dos mineiros migraram dentro do país para trabalhar em outros setores. Uma cidade diretamente afetada por esse processo foi Oruro, onde há muitas minas. Boa parte dos mineiros da cidade mudou-se para Villa Pagador, um bairro de La Paz, para trabalhar na costura.

É no ramo da costura que trabalha a imensa maioria dos bolivianos que migram para o Brasil. Diferente do que se imaginava no começo da pesquisa, o mais comum não é que se mude para o Brasil com a pretensão de morar. Segundo Patrícia, costuma-se fazer a viagem para se passar apenas um período no Brasil, juntando-se lucros para investimentos no país de origem, o que não significa que não existam casos de fixação no Brasil.

É importante lembrar da denominação dos cholos na Bolívia, que são indígenas, geralmente Quechua ou Aymara. É comum que mulheres cholas trabalhem com serviços domésticos em casas de brancos. De acordo com Patrícia, acontece um apadrinhamento que firma um dever da chola com a família branca. A família garante educação e acolhimento à chola, que, se decidir não mais viver na casa, precisa deixar alguém para trabalhar em seu lugar.

A maneira da relação entre brancos e cholos acaba por se reproduzir na relação entre os migrantes que trabalham na costura em São Paulo. Mesmo vivendo em condições subumanas, tendo a força de trabalho explorada, muitos dos cholos que trabalham nas oficinas de costura optam por continuar nessa situação, pois a saída significaria um rompimento com a família na Bolívia.

Outro ponto descrito pela entrevistada é que existem imigrantes bolivianos em São Paulo que não falam em Espanhol, e sim em Quechua ou Aymara. Isso leva a uma outra questão: muitos cholos que migram para o Brasil vão direto das regiões rurais da Bolívia.

Em situação de precariedade e incerteza quanto ao permanecimento em São Paulo, muitas crianças bolivianas que vão à cidade com seus pais não frequentam a escola. Isso prejudica não apenas seu progresso educacional, mas também seu desenvolvimento social, pois limita-se o contato com outras crianças.

6 | EMEF ESCRITORA CAROLINA MARIA DE JESUS: PROJETOS

6.1 Escola Apropriada

Durante a pesquisa, pudemos conhecer dois projetos da EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus. Um deles é o Escola Apropriada, reunião que ocorre quinzenalmente com alunos estrangeiros e alguns brasileiros, com o fim de promover trocas culturais.

Para se conhecer o projeto, foi feita uma observação participante em uma das reuniões. Inicialmente, os alunos estavam sentados em grupos de cerca de cinco pessoas. A professora distribuiu um pedaço de papel para cada criança, contendo uma palavra, e para cada palavra havia um antônimo no pedaço de papel que estava com outra criança. Dessa maneira, formaram-se duplas com quem estava com palavras antônimas.

Com as duplas formadas, a tarefa era conversar entre si sobre questões ligadas ao lugar de origem de cada um, para que fossem apresentados aspectos culturais. Depois disso, foram formados grupos de quatro, juntando-se as duplas. A tarefa agora era criar uma história envolvendo tudo sobre o que havia sido conversado. Essas atividades permitiram que as crianças tivessem a mente aberta para conhecer as culturas uns dos outros.

Nessa reunião, conversamos com alguns alunos bolivianos e percebemos neles uma satisfação com o projeto e com a escola, em especial porque, com as aulas, falam o Português fluentemente, o que facilita a integração junto aos colegas brasileiros.

6.2 Diversidade

O segundo projeto que conhecemos estava ainda no começo. Uma professora chamada Darla reuniu alunos de salas diferentes para debater temas ligados ao respeito às variadas identidades. Na oficina que presenciamos, ela fez uma dinâmica de integração e pediu que as crianças fizessem, cada uma, um desenho que as representasse.

A maioria das crianças desenhou um retrato de si. Quando os desenhos estavam prontos, a professora pediu que os alunos observassem o que os outros produziram e, caso quisessem, realizassem comentários. Todos os alunos que comentaram elogiaram os desenhos. Após esse momento, a professora propôs uma discussão sobre o que é a beleza, enfatizando que não existe uma identidade única, e sim inúmeras identidades, cada uma com a sua beleza.

Esse novo projeto ainda não tinha nome, e ficou combinado que as próprias crianças decidiriam como chamá-lo, no decorrer das reuniões seguintes.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A convivência no dia-a-dia escolar e a participação em atividades da EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus foram fundamentais na busca de respostas às perguntas iniciais da pesquisa. O objetivo era compreender quais são os principais obstáculos na integração dos estudantes bolivianos com os demais colegas na Carolina de Jesus e se existem casos de racismo e xenofobia em sala de aula.

Assim como se esperava, o preconceito com os alunos bolivianos em sala existe, mas amenizado devido à presença dos projetos da escola. No entanto, a eficácia desses projetos é maior do que o imaginado. As falas das crianças bolivianas nas conversas demonstram que a ocorrência de atitudes racistas ou xenofobas são muito pouco frequentes, e quando acontecem os professores atuam prontamente para inibir a recorrência e educar os agressores. Isso pode ser exemplificado pela fala de uma das crianças entrevistadas. Ela afirmou que quando começou a estudar na Carolina de Jesus, algumas alunas mais velhas diziam que ela era esquisita e que “parecia índia”, em tom pejorativo, mas ela comentou sobre isso em uma reunião do Escola Apropriada e as professoras resolveram o assunto conversando com as alunas.

Segundo os estudantes bolivianos e descendentes de bolivianos, a maior dificuldade na relação com os colegas brasileiros é a língua. Quando chegam à cidade de São Paulo e à escola, eles não compreendem bem o Português. No começo, portanto, é um desafio desenvolver uma conversa com os colegas locais. Em poucos meses, porém, esse problema costuma ser revertido, pois a escola oferece aulas de Português para os alunos estrangeiros. Na maioria dos casos, persiste certa dificuldade na escrita, mas os professores dão suporte nessa situação. Os alunos se sentem, assim, parte da instituição.

Outro ponto que releva a importância dos projetos da Carolina de Jesus encontra-se na fala de Cadu, o diretor. De acordo com ele, quando por algum motivo a escola passa por um período sem discutir o preconceito e o racismo, os casos de xenofobia voltam a ser frequentes, como antes do início dos projetos, quando era comum até a prática do bullying.

Após o conhecimento dos projetos da EMEF Escritora Carolina Maria de Jesus, conclui-se que os projetos inclusivos são responsáveis por mudar substancialmente a relação dos estudantes bolivianos com os brasileiros. Se em um primeiro momento esses alunos demonstram dificuldade em integrar-se ao ambiente escolar, o que acontece com os projetos é uma transformação dessa realidade, com os bolivianos vencendo a barreira das diferenças culturais e sendo aceitos pelos estudantes locais. As práticas da escola poderiam, inclusive, ser adotadas por toda a rede municipal de ensino em São Paulo, por uma escola pública inclusiva.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M.S.F. **Inclusão social e municipalização**. In: MANZINI, E.J. (org) Educação Especial temas atuais. Marília Publicações: Marília SP, 2000.

BAENINGER, Rosana. **Imigração boliviana no Brasil**. Campinas: Núcleo de Estudos de População – Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa 2012.

C, José Leon. **Preconceito, indivíduo e sociedade**. *Temas em psicologia* 4.3 (1996): 47-70.

CEZAR, Marcos.; SILVA, Ana Paula. **Crianças bolivianas na educação infantil de São Paulo: Adaptação, vulnerabilidade tensões**. São Paulo, SP, 2015.

CUNHA JR., Henrique. **As estratégias de combate ao racismo. Movimentos negros na escola, na universidade e no pensamento brasileiro. Estratégias e Políticas de Combate à Discriminação Racial**. *Pág* (1996): 147-156.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. 3 Ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: GEN, LTC, 2013.

LIBERATO, Débora.; LOKOI, Zilda Marcia Gricoli. **Crianças bolivianas nas fronteiras da educação brasileira**. Porto Alegre, RS, 2014.

NETO, Aramis A. Lopes. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes**. *Jornal de pediatria*, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Tradução: Maria Alice Magalhães D'amorim e Paulo Sergio Lima Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

SILVA, Sidney A. da. **Bolivianos em São Paulo – Dinâmica cultural e processos identitários**. In: BAENINGER, Rosana. *Imigração boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População – Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa 2012.

VIDAL, Dominique. **Convivência, alteridade e identificações. Brasileiros e bolivianos nos bairros centrais de São Paulo**. In: BAENINGER, Rosana. *Imigração boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População – Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa 2012.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. **Cultura escolar: da migração do conceito à sua objectivação histórica. Cultura escolar, migrações e cidadania**, 2010.

GONÇALVES, Carolina Abrão. **O limiar entre ser boliviano e ser brasileiro: as identidades híbridas das crianças imigrantes na cidade de São Paulo**. In: *Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina*. São Paulo, 2014.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alvenaria Estrutural 16, 22

Anúncio Audiovisual 53, 55, 57, 59, 61, 65

Arquivologia 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90

B

Bagaço do Caju 16, 17, 20, 21, 22

C

Cidadania 106, 109, 110, 118, 126, 127, 128, 131, 132, 133, 136, 137, 138, 139, 140, 156, 171

Comportamento 18, 23, 38, 42, 57, 66, 74, 79, 116, 146, 156

Concreto Armado 16, 18, 22

Conjuntura 102

Consumidor Infantil 38

Consumismo 41, 52, 74, 75, 76, 79, 81

Consumo de Notícias 67, 70, 71

Cultura 35, 37, 39, 40, 46, 51, 53, 54, 55, 56, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 90, 91, 92, 97, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 110, 128, 140, 141, 156, 158, 169

Currículo 120, 121, 123, 124, 126, 127, 128, 130, 132, 133, 139, 141, 142

D

Design de Vestuário 24, 26, 27, 28, 30, 31, 33, 34

Diploma 92, 94, 99, 100, 102, 103

Disciplina 4, 91, 96, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 126, 128, 134, 136, 140, 164

E

Educação Básica 13, 109, 117, 118, 131, 132, 133, 134, 137, 138, 139, 141

Escola Pública 48, 105, 106, 120, 129, 143, 149, 155

Esportes 157, 162, 165, 169

Estudo de Caso 120

F

Ferrovias 157, 158, 159, 160, 161, 162, 166, 167, 168, 169

Fibras 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23

H

Histórico-Crítica 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142

I

Imigrantes Bolivianos 143, 145, 146, 153

Imprensa 15, 73, 129, 157, 159, 162, 165, 167, 169

Inclusiva 37, 143, 145, 146, 149, 151, 155

Integração Social 143, 145

Interações Construídas 105

J

Juventude 13, 14, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 114, 115, 116, 118, 119

L

Linguagem Discursiva Regional 53, 65

M

Mercados de Informação 82, 83, 84, 85, 87, 88

O

Obsolescência Programada 33, 74, 78, 79, 81

P

Pedagogia 127, 129, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142

Plataformização 67, 68, 69, 72, 73

Práticas Emancipatórias 120, 121

Produtos 16, 17, 26, 28, 29, 31, 32, 34, 36, 39, 42, 43, 45, 49, 51, 56, 59, 69, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 94, 95, 96, 123, 160, 161

Profissão 92, 99, 102

Publicidade 39, 40, 53, 54, 55, 56, 57, 65, 67, 72, 75, 81

S

Serviços 13, 14, 27, 39, 75, 76, 79, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 102, 121, 153

Sociologia 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 126, 128, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 153, 169

Sustentabilidade 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 81

T

Tweens 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 49, 51, 52

Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

*Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)*

 **Atena**
Editora

Ano 2020

Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

*Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)*

 **Atena**
Editora

Ano 2020